

Ladislau Dowbor

Os desafios da revolução digital
Libertar o conhecimento para o bem comum

São Paulo, 27 de julho de 2024

Sumário

INTRODUÇÃO	5
PARTE I – UM NOVO MODO DE PRODUÇÃO	12
1 – Fratura social: nova escala de exploração	13
2 - As novas formas de apropriação do excedente social: rentismo	20
3 - A manipulação capilarizada: os eixos de mudança	29
PARTE II – O CONHECIMENTO COMO PRINCIPAL FATOR DE PRODUÇÃO	37
1 – O conhecimento como fator de produção	38
2 – A luta pelo controle: copyrights, patentes, acesso aberto	41
3- Direitos de quem?	44
4 – A liberdade de acesso e controle da transmissão	48
5 - O custo do acesso	50
6 – O acesso desigual	51
7 – A remuneração dos aportes	53
8 – O potencial empresarial	56
9 – A universalização do acesso	58
10 – O absurdo universitário	60
11 - Um processo aberto	63
PARTE III – O RENTISMO COMO MECANISMO DE EXPLORAÇÃO	66
1 – Os juros extorsivos	68
2 – Evasão fiscal e renúncias fiscais	72
3 – O absurdo tributário	73
4 – Um dreno rentista	75
PARTE IV – NOVOS ENFRENTAMENTOS	78
1 – A questão da soberania frente à exploração global	80
2 - Resgatar o controle do dinheiro	82
3 - Resgatar a liberdade de acesso ao conhecimento e à informação	84
4 – Enraizar a democracia nos governos locais	87
5 - Resgatar a função pública de articulação e coordenação	89
CONCLUSÃO	94
BIBLIOGRAFIA	98

Nota

Nos dizem que para uma análise objetiva, devemos ser de certa forma isentos, desinteressados. Efetivamente, não tenho nenhum interesse comercial na forma como apresento os argumentos do presente livro, mas não sou desinteressado. A indignação com a injustiça, com a crueldade que vemos no mundo, com a incompetência com que governos ou corporações gerem os nossos recursos, sempre me moveu. Ser objetivo, explicava Gunnar Myrdal, não é ser indiferente, e sim deixar claro para o leitor as suas motivações. Achei interessante que a primeira frase de Tom Malleon no seu livro *Against Inequality* (contra a desigualdade) seja tão explícita: “Elon Musk, o CEO da Tesla e pessoa mais rica no mundo, possui atualmente \$270 bilhões de dólares. O trabalhador americano médio precisaria trabalhar sete e meio milhões de anos para ganhar isso.” A cada 14 minutos o Musk ganha o equivalente ao que o americano típico ganha em 40 anos de trabalho. Isso não é capitalismo, um sistema que supostamente assegurava equilíbrios básicos através dos mecanismos de mercado, da “mão invisível”, e recompensava esforços. Pois na verdade as formas como minorias – estamos falando do 0,01% de adultos do planeta – se apropriam dos recursos ao mesmo tempo que travam o desenvolvimento e destroem o meio ambiente não são invisíveis. Mas são hoje apenas mais complexas, e consequentemente menos compreendidas. O presente livro trata de tornar visível e compreensível como os mecanismos funcionam na atualidade. Sim, porque nas últimas décadas as coisas mudaram.

Para quem acompanha a sequência das minhas pesquisas, com livros como *A reprodução Social*, *Democracia Econômica*, *Tecnologias do Conhecimento*, *O Pão Nosso de Cada Dia*, *A Era do Capital Improdutivo*, *O Capitalismo se Desloca*, *Resgatar a Função Social da Economia*, ou os numerosos artigos, ficará claro o objetivo de explicitar os mecanismos econômicos que nos regem. Porque se não tivermos mais gente entendendo como se dão as falcatuas (é um termo muito moderado para o que efetivamente acontece), dificilmente criaremos a força para corrigir os rumos. Essa sequência de pesquisas me levou a gradualmente entender melhor a dimensão global, sistêmica, das mudanças das últimas décadas, que são simultaneamente ambientais, econômicas, sociais, políticas e culturais. Aproveitando tantas pesquisas, nacionais e internacionais, sobre diversos aspectos das mudanças, cheguei à convicção de que temos de juntá-las para entender como se articulam. A lógica do conjunto mudou, resultado da revolução digital, tão profunda, a meu ver, como foi a revolução industrial de mais de dois séculos atrás. Temos de ir além das análises de como o passado se deforma em diversos aspectos, e entender que nova realidade está surgindo, em termos sistêmicos.

Estamos enfrentando um sistema muito mais perverso do que o capitalismo industrial, que era sem dúvida explorador, mas também produtivo. A desigualdade hoje se aprofunda de maneira mais acelerada, e com pouca base produtiva: é essencialmente extrativa. E se dá às custas de uma destruição ambiental cada vez mais catastrófica. Pior: gera um sistema de controle político que destrói a democracia, e, portanto, a nossa capacidade de reverter o processo. Chamar isso de capitalismo, por mais explorador que o capitalismo tenha sido, é lhe dar um verniz de legitimidade.

Em termos de enfoque geral, em vez de elencarmos as deformações do capitalismo que conhecíamos, acrescentando qualificativos, a ideia é pensar que novo sistema está emergindo. No século 18, com as manufaturas, pessoas podiam pensar que o feudalismo estava se modernizando, mas foi mais importante quem pesquisou o novo sistema que estava nascendo. É o foco da presente pesquisa. E as mudanças são mais aceleradas e profundas do que foi a própria revolução industrial relativamente à era feudal. A agricultura não desapareceu, mas o eixo transformador passou a ser a indústria. Hoje, a agricultura e a indústria não deixam de ser importantes, mas quem manda são os teclados e o sistema de controle digital.

Não é um elenco das nossas desgraças que aqui apresento. Os dramas sociais e ambientais que nos desafiam estão escancarados, bem como o caótico comportamento das grandes corporações que os geram. Por trás das desgraças está o problema maior, que é o da nossa impotência em enfrentá-las. Ou seja, o que está no centro da discussão é a questão da governança, de como assegurar um processo decisório que nos permita reverter as tendências. Os nossos potenciais tecnológicos ultrapassaram muito a nossa capacidade de organização social, os próprios valores que deveriam reger o seu uso. Não hesito em dizer que estamos enfrentando uma crise civilizatória.

São Paulo, 27 de julho de 2024

INTRODUÇÃO

“Neoliberalism has given rise to enormous “rents”, the monopoly profits that are a major source of today’s inequalities...neoliberalism as an economic system is not sustainable.”

Joseph Stiglitz, *The Road to Freedom*, 2024¹

Há tempos estamos rodando em torno do pote, sem meter efetivamente a colher. O que aconteceu com o capitalismo que conhecíamos? Como os novos mecanismos não cabem nos conceitos tradicionais de análise do capitalismo industrial, acrescentamos qualificativos: Robert Reich fala sobre capitalismo corporativo, Mariana Mazzucato sobre capitalismo extrativo, Grzegorz Konat sobre capitalismo real, Joel Kotkin sobre neo-feudalismo, Zygmunt Bauman sobre capitalismo parasitário, Brett Christophers sobre capitalismo rentista, Shoshana Zuboff sobre capitalismo de vigilância, Eric Sadin sobre capitalismo cognitivo, Jonathan Haskel e Stian Westlake sobre capitalismo sem capital, este último no mínimo um qualificativo estranho: o capitalismo sem capital ainda é capitalismo? Klaus Schwab, dos encontros de Davos, resolve as suas dúvidas acrescentando números, à medida em que as coisas mudam, e agora estaríamos na Indústria 4.0.

Interessante também o conceito de *cannibal capitalism* de Nancy Fraser, que devora as capacidades produtivas de longo prazo, o próprio corpo da economia, ou ainda o conceito de *corporate aristocracy* de Marjorie Kelly, uma classe que hoje vive de rendas, ainda que se chamem de investidores. Qualificar de neoliberalismo, em vez de liberalismo, resolve? Popularizou, pois indica uma mudança, com a partícula no “neo”. Thomas Piketty explicitou bem: fazer aplicações financeiras rende mais do que investir em produção, sobretudo se podemos submeter as atividades produtivas aos novos mecanismos de extração de dividendos. Seguindo esta última linha de raciocínio, eu chamei de capitalismo improdutivo. Hoje de me dou conta da insuficiência.

O capitalismo é chamado assim em época relativamente recente, e adquire raízes teóricas e científicas de análise a partir de Adam Smith em 1776, e Karl Marx um século mais tarde. No centro do conceito, está o mecanismo de acumulação de capital. Ou seja, não é ter riqueza, gente rica com bens ou dinheiro, isso sempre teve, e sim estar inserido no processo de reprodução de capital, que vai se valorizando através de investimentos: não é ter iates e aviões, que constituem patrimônio, é ter uma empresa, que por exemplo produz aço, que vai ser vendido para outras empresas que irão produzir casas e automóveis, fornecendo mais bens e serviços, e gerando lucros que serão reinvestidos em mais capacidades produtivas, mais capital. É precisamente a acumulação de capital, um processo expansivo. Essa capacidade de investimento que vai se expandindo é alimentada por lucros, gerados a partir do pagamento aos trabalhadores de um salário que é inferior ao valor produzido: a mais valia. Trata-se, portanto, de exploração, mas de uma exploração que se transforma em mais investimentos, mais empregos, mais lucros, mais capital e mais impostos para assegurar

¹ O neoliberalismo permitiu a geração de enormes “rentas”, os lucros de monopólio que são uma fonte maior das atuais desigualdades...o neoliberalismo como sistema não se sustenta.” Joseph Stiglitz – *The road to Freedom: economics and the good society* – Norton, New York, 2024, p. 287

políticas públicas. A regulação dominante é por mecanismos de mercado, a “mão invisível”. Era um sistema. Injusto, mas produtivo.

O conjunto do processo foi e continua sendo cada vez mais alimentado pela revolução científica tecnológica que nos deu a máquina a vapor, a locomotiva e o transporte ferroviário, a eletricidade, o motor a combustão, a criação de novos materiais através da química, e tantas inovações que explodiram no século XX com eletrificação generalizada, o carro, o avião, a televisão, o computador, a química fina, a biologia e os primeiros passos na manipulação do genoma e assim por diante. Essa pequena enumeração das transformações científico-tecnológicas é necessária porque se trata do principal motor das transformações: as pessoas tendem a glorificar o capitalista, que aplicou os avanços científicos, mas muito menos os cientistas que os criaram. James Watt, Benjamin Franklin, Michael Faraday, Albert Einstein, Marie Curie, pesquisadores que revolucionaram a base energética do planeta, colocando nas máquinas industriais e nas nossas mãos um volume de energia que multiplicou por um fator de centenas ou milhares o que era a força dos nossos músculos, e deslocaram de forma estrutural a relação entre o homem e a natureza. A transformação científica foi e continua sendo o motor principal das transformações econômicas. O capitalismo foi uma forma passageira de sua aplicação.²

A Rússia sai da idade média em 1917, e se torna em poucas décadas uma potência industrial, a China se expandiu de maneira absolutamente impressionante, utilizando formas diferentes. A Polônia, que era exportadora de carvão e de grãos para a Alemanha e outros países da região, se industrializou na fase socialista, criando a indústria pesada e grandes infraestruturas, e realizou grandes investimentos sociais, que foram aproveitados na fase posterior de organização na economia de mercado. A Europa se cobriu de ferrovias e de empresas de transporte, organizadas e geridas pelo Estado, que funcionam de maneira eficiente. E as empresas industriais capitalistas contribuíram também sem dúvida para multiplicar as nossas capacidades produtivas exponencialmente. Esse olhar mais amplo é importante para lembrarmos que a sociedade está em plena mutação, que as tecnologias atualmente avançam ainda mais rapidamente, e que manter a ideia de que a nossa relativa prosperidade se deve aos “capitalistas” e aos “mercados” simplesmente significa um congelamento da forma como olhamos as transformações do planeta. O vetor principal das transformações foi a base científica da humanidade, com aporte transitório do capitalismo industrial, e também de outras formas de organização.

Aliás a fase mais próspera do capitalismo é a dos trinta anos de ouro do pós-guerra, em que houve um equilíbrio inovador entre o setor público e o mundo empresarial, no quadro do Estado de Bem-Estar, e que funcionou apenas no grupo de países mais ricos, cerca de 15% da população mundial. Hoje gerou uma aristocracia financeira, gigantes da comunicação (as plataformas) e corporações mundiais de intermediação de commodities (os traders), com a sua entusiasmada rapaziada manejadora dos algoritmos, que pouco têm a ver com o empreendedor industrial tradicional. Essa

² Stiglitz lembra bem: “A maior parte da inovação que elevou os níveis de vida nas recentes décadas repousa nos fundamentos da ciência básica, financiada e frequentemente conduzida pelo governo. Mas não é só o caso que os mercados por si mesmos não serão suficientemente inovadores, eles empurram a inovação na direção errada.” – J. Stiglitz, *The Road to Freedom*, 2004, p. 227

profunda mudança do sistema é que alimenta tantos qualificativos que se acrescenta ao “capitalismo”, simplesmente porque a nova realidade não cabe nos antigos conceitos. Mas não basta acrescentar qualificativos: é preciso pensar se isso ainda é capitalismo. Ou entender melhor como as diferentes mudanças se coagulam num novo formato, em novo modo de produção.

Elencamos aqui vários mecanismos de apropriação do excedente social no quadro da evolução do capitalismo industrial para o rentismo digital. Esses mecanismos envolvem o domínio das plataformas relativamente às empresas tradicionais, e em particular o fato de se tratar do controle do imaterial, ou intangível, o que permite mecanismos muito mais amplos de apropriação, em escala planetária, sem a correspondente criação de bens e serviços, empregos e bem-estar econômico. Os sistemas de intermediação financeira, o controle financeiro dos sistemas comerciais e de marketing, a apropriação privada das infraestruturas, a intermediação global do acesso a recursos naturais, o rentismo baseado na apropriação de imóveis rurais e urbanos, o uso especulativo das políticas sociais, como saúde e educação, a guerra para dificultar o acesso ao conhecimento acumulado na sociedade, com patentes e copyrights, colocando pedágios nos avanços científicos, são exemplos de uma conjunto de atividades em que acima do nível do produtor efetivo de bens e serviços, do pesquisador, do país dono de recursos naturais, gerou-se uma classe de rentistas que se apropriam de cada movimento, colocando juros, tarifas, sobrepreços, levando por sua vez à formação de um clube dos ricos que detém imenso poder econômico, financeiro, político e midiático, essencialmente ao controlar direitos sobre atividades ou patrimônio de terceiros.

Há uma década o ETH, instituto federal suíço de pesquisa tecnológica, apresentou uma pesquisa de grande importância, primeiro estudo global da estrutura do poder corporativo mundial, que utilizei no meu livro *A era do capital improdutivo*.³ No essencial, os autores mostraram que no mundo 737 grupos controlam 80% do mundo corporativo, e nestes um núcleo de 147 controla 40%. A qualificação de “clube dos ricos” é dos autores, e a justificam: no topo, são inclusive pessoas que se conhecem, e criaram instituições de articulação, como o IIF. Guerras sim, para ver quem compra quem, mas nada de concorrência para prestar melhores serviços: eles essencialmente gerem ‘ativos’ (*assets*), ou seja, constituem uma superestrutura de controle e extração, por meio do mundo digital. O estudo do ETH (Glattfelder e outros) representou um avanço sem dúvida, mas hoje precisamos de pesquisas em nível mais amplo, já que o denominador comum do controle encadeado (A controla B, que controla C, D, E etc.) com tomadas cruzadas de participação, controles que se ampliaram de maneira radical pelo fato dos sistemas digitais permitirem dinâmicas em escala muito mais ampla.⁴

³ L. Dowbor – *A era do capital improdutivo* – Autonomia Literária, São Paulo, 2018 - <https://dowbor.org/2017/11/2017-06-l-dowbor-a-era-do-capital-improdutivo-outras-palavras-autonomia-literaria-sao-paulo-2017-316-p-html.html>

⁴ O ETH de Zurich, na Suíça, representa de certa maneira o que o MIT representa nos Estados Unidos, e tem mais de 30 prêmios Nobel científicos. Um início de pesquisa da estrutura do controle corporativo no Brasil, utilizando metodologia semelhante, pode ser encontrada na revista Pesquisa e Debate, da PUC-SP: Eduardo Rodrigues Magalhães, *Quem está no comando: poder econômico entre grupos hegemônicos no Brasil – 2023* - https://dowbor.org/wp-content/uploads/2023/09/Revista-Pesquisa-e-Debate_PUC_SP.pdf

Michael Hudson tem razão em afirmar que está em jogo o destino da civilização.⁵ Uma BlackRock tem mãos nos mais diversos setores, nos mundos da saúde, da mineração, da comunicação, trabalhando em nível planetário. A infraestrutura produtiva – a indústria com as suas máquinas, proprietários de meios de produção, trabalhadores assalariados – é controlada por plataformas, computadores, algoritmos e inteligência artificial, mas a superestrutura – o Estado regulador e marco jurídico correspondente – está em busca de novos rumos. A base econômica se deslocou, as instituições continuam no século passado. É uma dimensão à qual voltaremos várias vezes.

Enquanto não surge um sistema regulador global, os interesses corporativos, nas suas diversas dimensões que vimos acima, simplesmente reinam. E drenam. A economia mundial está na era digital, as instituições públicas, a gestão política, as regras do jogo, continuam no século passado, na era analógica. Sem instrumentos de influência ou regulação, o mundo se aprofunda na catástrofe econômica, social e ambiental. A impotência institucional que enfrentamos nos leva a uma desarticulação sistêmica desastrosa, justamente quando a ciência e a riqueza que produzimos permitiriam uma vida digna para todos, sem destruir o planeta. Nosso problema não é econômico, é de governança. A gestão pública não é o problema, é o caminho.

Como listamos os diferentes adjetivos – rentista, extrativo, canibal, parasitário, etc. - que tantos pesquisadores consideraram necessário acrescentar ao “capitalismo”, a questão básica é se continuar a chamar este sistema de capitalismo é de todo adequado. A sugestão aqui é que é cientificamente mais produtivo e teoricamente mais adequado reunir as diferentes transformações do sistema capitalista e considerar que estamos perante um novo modo de produção, um novo sistema. O fato básico é que a revolução digital trouxe mudanças tão profundas ao sistema capitalista, como a revolução industrial trouxe aos diferentes modos de produção rurais, em particular ao sistema feudal. Em termos teóricos, é bastante coerente considerar que a partir de certo nível de mudanças quantitativas, o sistema sofre uma mudança qualitativa, que exige uma reformulação conceitual mais ampla. A imagem clássica utilizada é que a borboleta constitui uma evolução da lagarta, parte dos mesmos componentes, mas tem outra natureza, funciona de outra maneira.

A infraestrutura técnica mudou radicalmente, com as tecnologias que nos ligam instantaneamente em todo o mundo, dinheiro virtual, acesso virtual à informação e ao conhecimento. O tempo e o espaço pertencem atualmente a outro paradigma de organização. Mais importante ainda, o principal fator de produção passou a ser o conhecimento, com IA, informação virtual, a tecnologia em geral. As máquinas podem ser trancadas numa fábrica, mas o conhecimento é radicalmente diferente, na medida em que pode ser difundido sem custos adicionais, levando ao entendimento do conhecimento como bem comum. O mecanismo dominante de extração de excedentes econômicos, por outro lado, passou da exploração através de baixos salários, mas com atividades produtivas, para plataformas financeiras, de comunicação, de informação e de apropriação de dados privados. Consiste mais na extração de renda do que na

⁵ Michael Hudson – *The Destiny of Civilization* – Islet, 2022 - <https://dowbor.org/2022/09/destiny-of-civilization-finance-capitalism-industrial-capitalism-or-socialism.html>

acumulação de capital produtivo, no que também tem sido chamado de financeirização, sem a correspondente contribuição produtiva.

O conceito de modo de produção, neste sentido, volta a ser particularmente interessante. Permite um recuo no tempo, e um enfoque de mudança estrutural do próprio sistema que nos rege. O esquema abaixo, ainda que possa parecer simplista, ajuda a repensar a atualidade de uma forma sistêmica:

Modos de produção feudal, capitalista, informacional

Revolução Agrária	Revolução Industrial	Revolução Digital
...1760	1760-1980	1980...
Terra	Máquinas	Conhecimento
Feudos	Fábricas	Plataformas
Servos/escravos	Operariado	Precariado
Aristocratas	Capitalistas	Rentistas
Taxas/dízimo	Salários/Mais-valia	Drenos financeiros
Províncias	Nações	Global
Porrete e Inquisição	Porrete e Liberalismo	Porrete e Neoliberalismo

Quando há 10 ou 12 mil anos atrás começou a se generalizar a agricultura, indo além da pesca, caça e colheita, essa atividade passou a ser o eixo estruturante das sociedades. Até a revolução industrial no século 18, a base da economia era a terra, o seu controle gerava feudos, o trabalho era com servos ou escravos, em proveito de diversos tipos de aristocracia. A apropriação do excedente social se dava por taxas de diversos tipos que os trabalhadores da terra tinham de pagar. Os territórios eram províncias, ou feudos, essencialmente divisões territoriais mantidas com força militar, o porrete, e a inquisição. Na narrativa, era o sangue azul dos nobres e a vontade de Deus.

A revolução industrial leva a que a máquina se torne o principal eixo estruturante da sociedade. A agricultura não desaparece, mas passa a ser coadjuvante. Onde o núcleo de poder econômico era o feudo com os servos, portanto a posse da terra, agora temos fábricas e operários. Os que se apropriam do excedente social são os capitalistas, por meio salários baixos e mais-valia. Os operários são livres de pedir emprego, é o liberalismo. No caso de greves mais amplas, sempre há o porrete. No espaço expandido, formaram-se as nações, fenômeno recente, inclusive na Alemanha e na Itália. Aliás é só contar quantas nações havia na recém-criada ONU. Hoje são 193.

O conceito de revolução digital permite pensar a era atual não como uma “deformação” do capitalismo industrial, mas como um novo modo de produção, informacional. A indústria não desaparece, e nem a agricultura, mas o eixo estruturante passa agora a ser

a informação, o conhecimento, a tecnologia, as finanças, a economia imaterial. No esquema acima, colocamos o conhecimento como a principal base de construção da economia, as plataformas com forma de organização, o surgimento do precariado em que o trabalhador é chamado quando necessário, e a principal forma de apropriação do excedente social torna-se o rentismo, cujos formatos atuais veremos abaixo. As grandes fortunas e o poder econômico e político não dependem mais de aristocratas, ou de capitães da indústria como Henry Ford, e sim dos donos das plataformas, os GAFAM, ABCD, SIFIs, gestores de sinais magnéticos no nível planetário. Aqui também, no quadro do neoliberalismo, que justifica com suas narrativas a desigualdade e a destruição ambiental, e nos mantém colados nas telinhas, temos, no caso de não aceitação das narrativas, o porrete.⁶

O que temos em comum nas diferentes eras, é que sempre temos elites prontas para viver do trabalho dos outros, usando para isso diversos mecanismos econômicos da apropriação do excedente que a população produz, mas também narrativas para justificar a apropriação, e o porrete para quem não acredita nas narrativas. Mecanismo, narrativa e porrete. É tempo de nos civilizarmos. Inclusive porque o conhecimento, sendo imaterial, com potencial de multiplicação sem custos adicionais, pode ser a base de uma sociedade colaborativa planetária. Mas isso exige a modernização das instituições.

É importante notar que enquanto o controle das novas tecnologias e as formas de organização do rentismo já estão na era digital, a política e a regulação, o que chamamos de democracia, ainda andam perdidas em leis da era analógica, dos tempos da dominância da produção material. Nos níveis político e institucional, estamos assistindo a tentativas de correr atrás das profundas transformações tecnológicas provocadas pela revolução digital: as nossas leis e regulamentos são para a economia material do século passado. As finanças e outras plataformas funcionam em escala global, enquanto a regulação é basicamente gerida em escala nacional, levando a vazios institucionais catastróficos, paraísos fiscais entre outros, mas também à impotência das instituições internacionais que datam de Bretton Woods, de outra época. Basta olhar a fragilidade das resoluções da ONU. Em tantos países, e nas reuniões do G20, está sendo discutido como assegurar a regulação das finanças, hoje imateriais, da comunicação, da informação, da invasão de dados pessoais, da manipulação virtual da política e das religiões.

Eu sugeriria que seria muito mais produtivo identificar os principais desafios – ambiente, desigualdade, pobreza, as principais causas do sofrimento e do desespero humanos – e trabalhar nas mudanças institucionais indispensáveis. Isto significa que temos de reconciliar as instituições com a modernidade, com as novas engrenagens e estrutura de poder da revolução digital. Não se trata de uma questão de ambição excessiva, mas de uma compreensão clara de quão dramáticos são os nossos desafios, em escala global. A mudança institucional tornou-se vital, no sentido original da palavra. Compreender que enfrentamos um novo conjunto de desafios, tendo a revolução digital como base de um novo sistema, ajudar-nos-á a construir soluções sem carregar o fardo de tantas simplificações e polarizações ideológicas em relação ao que

⁶ GAFAM: Google, Apple, Facebook, Amazon, Microsoft; ABCD: ADM, Bunge, Cargill, Dreyfus; SIFIs: Systemically Important Financial Institutions.

conhecíamos como capitalismo. Keyu Jin, ao apresentar as inovações de governança da China, no seu *The New China Playbook*, sugere que estamos além do socialismo e do capitalismo.⁷ A China avançou muito na adequação das instituições à revolução digital.

Se colocamos aqui a importância de mudarmos de paradigma de análise – de simples alterações do capitalismo, para a constituição de outro modo de produção, não o passado que se deforma, mas o futuro que se articula – é que é cientificamente mais adequado. Quando surgem as manufaturas no século 18, podíamos considerar que o feudalismo estava se modernizando, mas o significativo era o novo que surgia. Um segundo ponto importante, que desloca a base de análise da sociedade, é que com as novas tecnologias hoje produzimos o suficiente para toda a sociedade viver de maneira digna e confortável. Os 110 trilhões de dólares de bens e serviços que hoje produzimos, o PIB mundial, representa o equivalente a 21 mil reais por mês por família de quatro pessoas: o desafio não é produzir mais, e sim de reorganizar o que produzimos, para quem, e com que impactos ambientais. Mais do que econômico, no sentido de falta de recursos, o nosso desafio é de organização social e política.

Terceiro ponto, a transformação da base tecnológica do planeta abre perspectivas para uma reorganização radical do sistema, da guerra de todos contra todos no quadro da maximização de lucros, para um processo colaborativo: quando o principal fator de produção passa a ser o conhecimento, este pode ser compartilhado sem custos adicionais. Diferentemente dos bens físicos, o conhecimento que compartilho continua comigo. Não é um bem rival, o acesso pode ser generalizado. E o conhecimento é a principal força transformadora. Temos não só um desafio vital, mas uma imensa oportunidade. Manuel Castells, que tanto ajudou com o seu amplo estudo sobre a sociedade em rede, hoje resume: “No século 21, uma nova estrutura social emergiu no mundo todo como forma dominante de organização em todos os domínios da vida humana.”⁸

Se o enfoque que aqui apresento pode parecer demasiado ambicioso, ou até sonhador, devemos levar em conta que a humanidade está sim enfrentando um momento transformador. Apenas os inconscientes não se dão conta da catástrofe que representa a convergência do desastre ambiental, da desigualdade explosiva, do caos financeiro e da violência que se generaliza. É tempo sim de considerarmos de forma sistêmica as novas arquiteturas sociais que se desenham, e que avançam rapidamente, carregadas pelas novas tecnologias, pela sociedade do conhecimento.

⁷ Keyu Jin – *The New China Playbook: beyond socialism and capitalism* – Viking, New York, 2023 – É bom lembrar que a China ultrapassou a economia dos Estados Unidos em 2015, em termos de PIB ajustado por poder de compra (produção efetiva, descontadas as diferenças de câmbio). Stiglitz lembra que em 2023 a produção da China é quase 25% superior à dos Estados Unidos. (Stiglitz, 2024, p.25) Os dados são detalhados no *World Economic Outlook Database April 2022* do FMI, 2022. A previsão do Fundo para 2024 é de um PIB de 35 trilhões de dólares para a China, 27 trilhões para os Estados Unidos. Esta forma de cálculo, usando a Paridade de Poder de Compra (PPP na sigla inglesa), é hoje generalizado. <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/weo-database/2022/April/weo-report?c=924,532,546,111.&s=PPPGDP.&sy=2020&ey=2027&ssm=0&scsm=1&scc=0&ssd=1&ssc=0&sic=0&sort=country&ds=.&br=1>

⁸ Manuel Castells – *Advanced introduction to Digital Society* – EE Elgar, UK, 2024

PARTE I – UM NOVO MODO DE PRODUÇÃO

*“Never across the entire expanse of human history has such a level inequality been seen before...In 2015, the top 0,01% had an average income of \$31.6 million, nearly 2,100 times more than a minimum-wage worker’s average income. The top 1% of Americans own 40% of the country’s wealth, whereas the bottom 40% own virtually nothing.”*⁹

Tom Malleson, *Against Inequality*, 2023, p.1

⁹ “Nunca durante toda a história da humanidade foi visto um tal nível de desigualdade...Em 2015, os 0,01% no topo tinham uma renda média de \$31,6 milhões, quase 2100 vezes mais do que a renda média de um trabalhador com salário mínimo. O 1% dos americanos no topo possuem 40% da riqueza do país, enquanto os 40% na base não possuem praticamente nada.”

Não ser capitalismo não significa não haver apropriação do excedente social por minorias, como houve nos diferentes modos de produção. O sistema escravagista se apropriava do produto de outros por meio da propriedade das pessoas, o modo de produção feudal através da posse da terra e do controle dos servos. Não foi preciso esperar o capitalismo industrial para termos exploração, com minorias se apropriando do produto social. Mas enquanto o capitalismo industrial gerava ao mesmo tempo apropriação do excedente e geração de mais capacidades produtivas, o rentismo se apropria do excedente sem a contribuição produtiva correspondente. Como escrevem Gar Alperovitz e Lew Daly, é uma “apropriação indébita”.¹⁰ O sistema que herdamos das últimas quatro décadas é incomparavelmente mais injusto em termos de econômicos, e destrutivo em termos ambientais, do que o capitalismo industrial.

1 – Fratura social: nova escala de exploração

No centro do novo processo está a financeirização. É essencial entender o impacto do fato do dinheiro não ser mais material, sob forma de notas impressas por governos, que levávamos na carteira e os bancos guardavam nos cofres. Segundo o *How Money Works*, 92% da liquidez global é digital: ou seja, na carteira fica apenas um cartão, nos bancos o computador, o conjunto é gerido por algoritmos. E por constituir apenas sinais magnéticos, o espaço financeiro se tornou global, girando no quadro do *High Frequency Trading*, em volumes radicalmente desconectados da economia real. A BlackRock, gestora de ativos (*asset management*) administra 10 trilhões de dólares, enquanto o orçamento federal dos Estados Unidos é da ordem de 6 trilhões. O mercado de derivativos atinge em 2022 630 trilhões de dólares, para um PIB mundial de 110 trilhões, no qual aliás se incluem os lucros financeiros como se fossem ‘produto’.

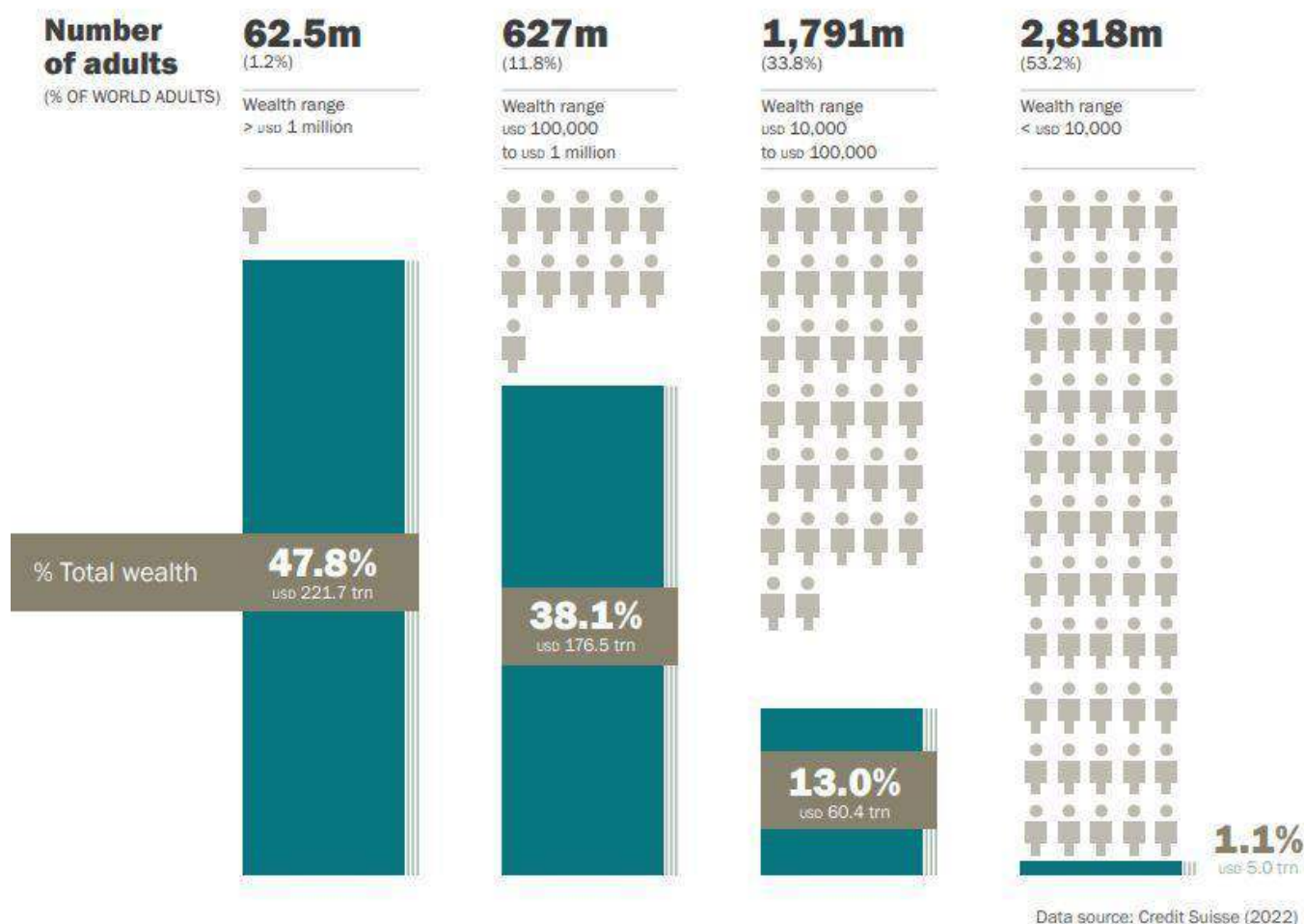
Enquanto a apropriação do excedente por baixos salários é hoje bastante clara na mente das pessoas, levando inclusive à legalização de sindicatos, e lutas pelos reajustes periódicos, os mecanismos de exploração financeira já são bem descritos em tantos trabalhos, inclusive os mencionados acima, mas continuam uma realidade nebulosa para a quase totalidade da população, que não sabe quanto o banco leva quando realiza um pagamento com cartão, que fica abismada ao se encontrar atolada em dívidas – precisam de educação financeira, comentam os banqueiros – e para quem o conceito de paraíso fiscal, onde hoje as grandes corporações colocam mais de 60% dos seus lucros – lembra ilhas com coqueiros, não o Estado de Delaware, Wall Street ou a City de Londres.

Um ponto chave é que a escala de apropriação do excedente por minorias mudou radicalmente. Os dados abaixo são do Crédit Suisse (hoje UBS), incluídos no relatório da ONU:¹¹

¹⁰ Gar Alperovitz e Lew Daly – *Apropriação Indébita* – Senac, São Paulo, 2010 - <https://dowbor.org/2010/11/apropriacao-indebita-como-os-ricos-estao-tomando-a-nossa-heranca-comum.html>

¹¹ Unrisd – *Crises of Inequality* – 2022 – p.1 - <https://cdn.unrisd.org/assets/library/reports/2022/full-report-crises-of-inequality-2022.pdf>

Figure 0.1 Global wealth distribution



Fonte: UNRISD – *Crises of Inequality* – October 2022 – p. 5

Na coluna à esquerda, vemos que 62,5 milhões de pessoas, 1,2% da população adulta, detêm 47,8% da riqueza acumulada, 221,7 trilhões de dólares. Na coluna seguinte, vemos que 627 milhões de adultos, 11,8% do total, detêm 38,1% da riqueza, 176,5 trilhões. O que podemos classificar de classe média baixa, na terceira coluna, com riqueza acumulada entre 10 e 100 mil dólares, tem 13,0% da riqueza, 60,4 trilhões. E 2,818 bilhões de adultos, 53,2% do total, detêm apenas 5,0 trilhões, 1,1% do total. Basicamente, podemos dizer que excluídos ou inseridos de forma precária no sistema estão cerca de dois terços da humanidade, os 53,2% da última coluna mais uma parte da terceira. Interessante é constatar que se tirarmos 2,2% da fortuna do grupo mais rico, que eles mal notariam, daria para dobrar a riqueza dos 53,2% mais pobres. E para quem é pobre isso significaria uma enorme melhoria da qualidade de vida. Em termos de bem-estar gerado, o dinheiro na base é incomparavelmente mais produtivo.

Os dados constam da análise que a UBS realiza da distribuição da riqueza familiar mundial, estimada em 463,6 trilhões de dólares nas mãos de 5,3 bilhões de adultos do planeta. O que o mundo tem de riqueza pessoal acumulada é de cerca de 87 mil dólares por adulto. Numa família com dois adultos, isso representaria 174 mil, equivalentes a

900 mil reais. Pela primeira vez na história da humanidade, temos o suficiente para todos, isso sem contar o valor das infraestruturas.

Mas o que nos interessa mesmo aqui é a fratura estrutural profunda da apropriação da riqueza da sociedade, com uma escala de exploração sem precedentes no próprio capitalismo. Não visível neste gráfico, é o fato do profundo desnível dentro do 1,2% mais rico, pois o grosso das fortunas desta coluna está nas mãos dos 0,1 e em particular do 0,01%. O relatório da ONU que apresenta a tabela acima comenta que “as atuais extremas desigualdades, destruição ambiental e vulnerabilidade a crises não constituem um defeito do sistema, mas a sua característica”. Hoje os dados mais detalhados encontram-se no WID (World Inequality Database), nos relatórios da Oxfam, em particular em *Survival of the Richest* (2023) e *Desigualdade S.A.* (2024), e analisados em tantos textos indignados, como *The Triumph of Injustice*, ou *Against Inequality*.¹²

Além da desigualdade em termos de riqueza familiar, que contabiliza por exemplo o valor da nossa casa, outras propriedades, o dinheiro no banco (deduzindo as dívidas), gerando o que se qualifica de patrimônio domiciliar líquido (*net household wealth*), também se contabiliza a desigualdade de renda. Aqui também a situação é catastrófica, com bilhões de pessoas atoladas em situação de pobreza. A relação com a riqueza acumulada é direta, pois enquanto o dono de 1 bilhão apenas, aplicando por exemplo seu dinheiro para render moderados 5% ao ano, aumenta a sua riqueza no ritmo de 137 mil ao dia, a imensa maioria da população, os dois terços que mencionamos, como aproximação, mal consegue fechar o mês, que dirá se tornarem “investidores” para acumular riqueza.¹³ É o que o Banco Mundial e outras instituições chamam de “*poverty trap*”, armadilha da pobreza.

A África enfrenta uma situação particularmente desastrosa, mas na América Latina dois terços dos adultos estão sem qualquer acumulação significativa de riqueza, abaixo de 10 mil dólares. Segundo o Global Wealth Databook do Crédit Suisse (2022), “a distribuição de riqueza tanto na América Latina como na região Ásia-Pacífico se assemelha ao padrão do mundo como totalidade, com a América latina mostrando 65% e a região Ásia-Pacífico 63% com patrimônio de menos de 10 mil dólares.” (133) Estamos falando de dois terços da população vivendo da mão para a boca.

Mas não faltam recursos. O mesmo relatório apresenta o estilo de vida e fonte de riqueza dos que têm mais de um milhão de dólares (HNW), e dos que têm mais de 50 milhões (UHNW): “Os indivíduos HNW e UHNW estão fortemente concentrados em

¹² Oxfam - *Survival of the richest* – Jan 2023 – *Desigualdade S.A.* – Jan. 2024 <https://oxfamlibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621477/bp-survival-of-the-richest-160123-en.pdf> Em português: <https://materiais.oxfam.org.br/a-sobrevivencia-do-mais-rico-davos-2023> e <https://www.oxfam.org.br/forum-economico-de-davos/desigualdade-s-a/>; Emmanuel Saez e Gabriel Zucman – *The Triumph of Injustice* - Norton, New York, 2019 ; Tom Malleeson – *Against Inequality*- Oxford University Press, New York, 2023 - <https://dowbor.org/2024/06/against-inequality-the-practical-and-ethical-case-for-abolishing-the-superrich.html>

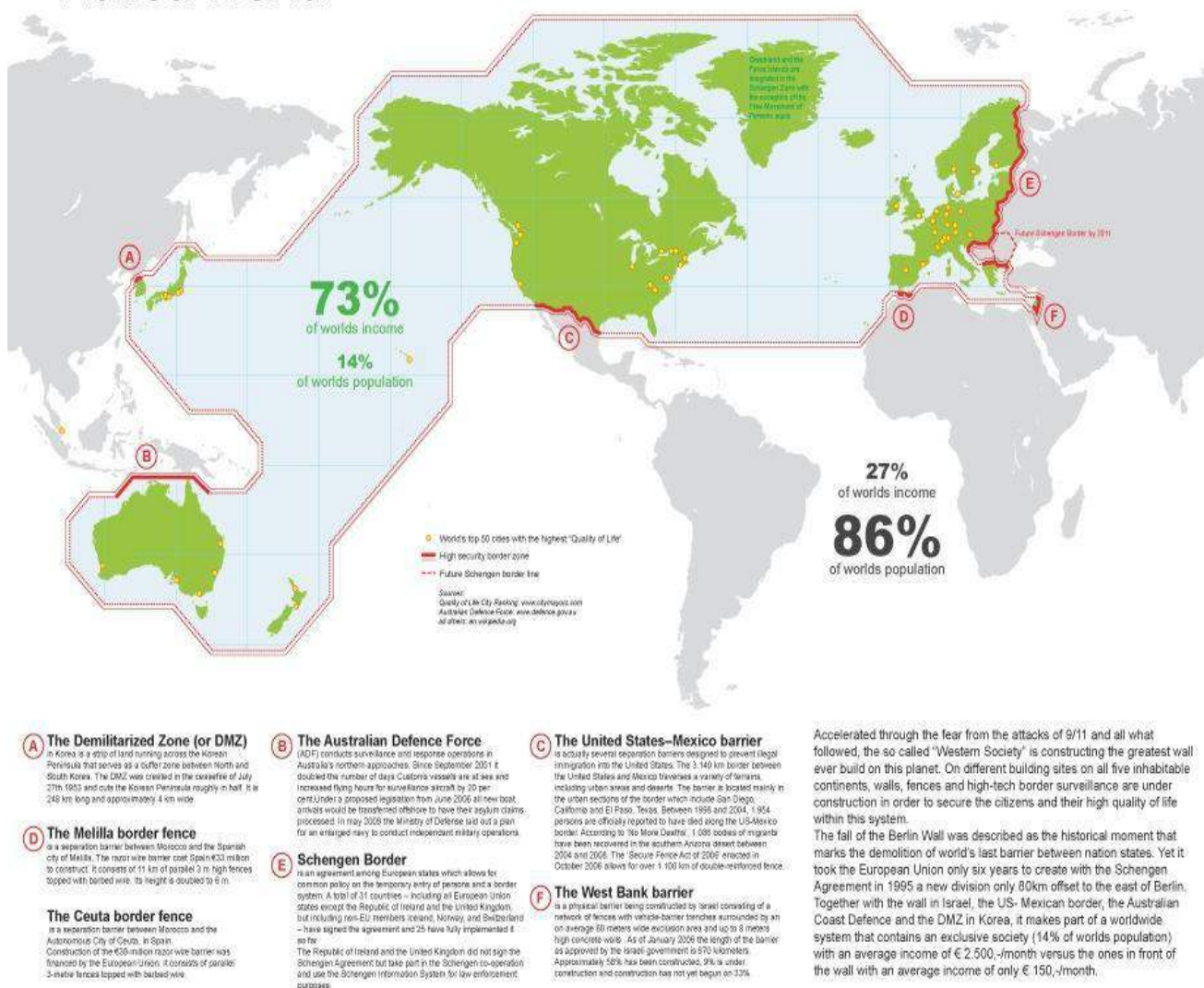
¹³ O investimento produtivo, que gera capacidades ampliadas de produção, deve ser distinguido das aplicações financeiras, que geram dividendos. Os que manejam papéis financeiros, diversos tipos de aplicações, mas não produzem, preferem se qualificar de ‘investidores’, mesmo quando drenam a capacidade de investimento da empresa por meio da ampliação de dividendos. A Petrobrás é um bom exemplo de luta interna entre investimento produtivo e extração de dividendos. O que a massa da população soma são dívidas, não “investimentos”.

regiões e países particulares, e tendem a compartilhar estilos de vida semelhantes, participando nos mesmos mercados globais de bens de luxo, mesmo quando residem em continentes diferentes. A composição de riqueza (*wealth portfolios*) desses indivíduos tende também a ser semelhante, com mais foco em ativos financeiros e, em particular, detendo ações de empresas abertas (*public companies*) negociadas nos mercados internacionais...Os indivíduos UNHW com patrimônio acima de US\$50 milhões são atualmente 264.180, no mundo, segundo os nossos cálculos. Entre os países, os Estados Unidos lideram com 53% dos adultos UNHW. A China chega num distante segundo lugar com 12% do total de membros do UHNW”. (118) São poucos, são muito ricos, estão concentrados nos Estados Unidos, e as suas fortunas não são de produtores, mas de donos de aplicações financeiras.¹⁴ É a nova aristocracia financeira. Hugh Grosvenor, duque de Westminster, herdou em 2016 11,4 bilhões de dólares, com 25 anos.¹⁵ Produtivo?

¹⁴ Crédit Suisse – *Global Wealth Databook 2022* – páginas 118 e 133
<https://br.search.yahoo.com/search?fr=mcafee&type=E211BR0G0&p=global+wealth+databook+2022>

¹⁵ Tom Malleson – *Against Inequality* – Oxford University Press, 2023 - p. 86 -
<https://dowbor.org/2024/06/against-inequality-the-practical-and-ethical-case-for-abolishing-the-superrich.html>

Walled World



Fonte: BIG THINK – Strange maps – October 12, 2019

Uma outra escala desta fratura estrutural da sociedade, no mapa acima, pode ser compreendida ao passarmos da análise por estratos da população para desigualdade entre países.¹⁶ Como ordem de grandeza, temos que o capitalismo desenvolvido, que chamamos de “Norte Global”, ou de “Ocidente”, é constituído por apenas 14% da população mundial, mas controla 73% da renda. O resto do mundo, 86% da população, apenas 27%. Sem a China, esses números seriam ainda mais críticos. Interessante esse gráfico apresentar o capitalismo desenvolvido como uma “*gated community*”, um tipo de condomínio planetário, com seis portarias cada vez mais guardadas. A fratura social e a fratura territorial se cruzam e reforçam.¹⁷

¹⁶ Big Think– “The West” is in fact the world's biggest gated community – Big Think, October 12, 2019 – https://bigthink.com/strange-maps/walled-world/?utm_medium=Social&utm_source=Facebook&fbclid=IwAR3WF9_e_YVIDAstRyyaTwHgBs_SqwwXV3y1lDbT-nwDtwAgzlpq65cy9vM#Echobox=1648785756-1

¹⁷ Um mapa muito semelhante é apresentado pela UBS, no *Global Wealth Report 2023*, p. 15 - <https://www.credit-suisse.com/about-us/en/reports-research/global-wealth-report.html>

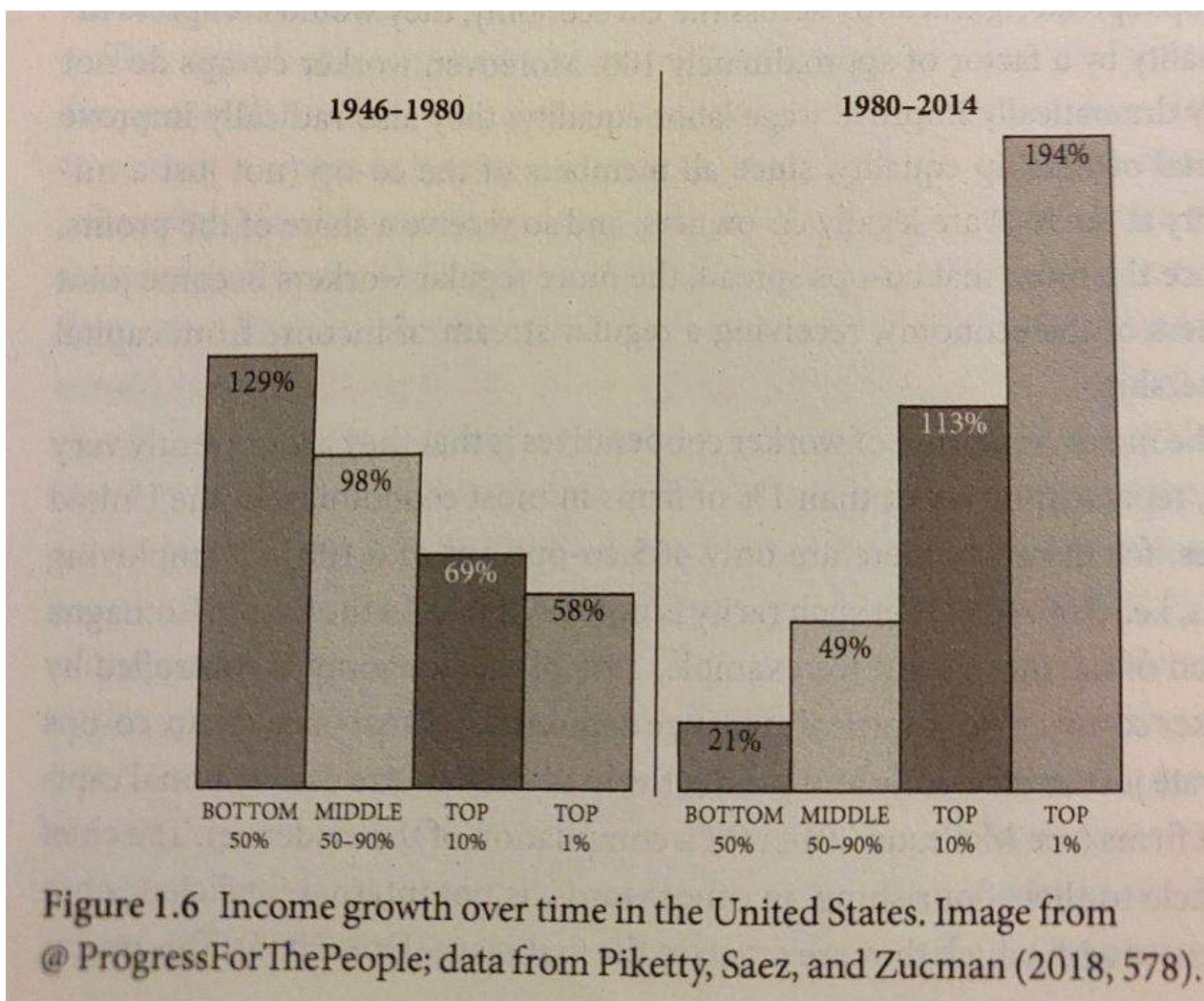
Os ricos dos países pobres podem adquirir os “passaportes dourados” em Malta, e viajarem o mundo como “europeus”. O capitalismo, aliás, nunca funcionou para todos. Como Ha-Joon Chang escreve tão bem, os de cima tiraram a escada.¹⁸ A fratura social planetária, tanto entre como dentro dos países, contrasta com o fato de termos atingido, graças à revolução científico-tecnológica, um nível de prosperidade que poderia assegurar a todos uma vida digna, sem a guerra permanente que vivemos. Repetindo, e insistindo, se dividirmos o PIB mundial, 110 trilhões de dólares, pela população de 8 bilhões, constatamos que o que hoje produzimos de bens e serviços equivale a mais de 4200 dólares por mês por família de quatro pessoas. Com uma redução moderada da desigualdade, poderemos assegurar a todos uma vida digna e confortável.

Tom Malleson resume: “Em termos puramente materiais, nossas sociedades já são suficientemente ricas para assegurar condições de vida boas e florescentes para todos. Em forte contraste com o longo tempo histórico, quando a privação que as pessoas sofriam era o resultado inevitável da escassez, a privação que hoje existe é fundamentalmente diferente porque existe lado a lado com a abundância. A privação hoje não é nem natural nem inevitável; é manufaturada, o resultado, em última análise, de uma escolha política.”¹⁹ (Malleson, p.5) Não é uma questão de falta de recursos, e sim de governança, de processo decisório. Hoje se torna essencial entender como se transformaram os mecanismos que geram e aprofundam a fratura.

¹⁸ Ha-Joon Chang – *Chutando a escada* – 2002 -

<https://dowbor.org/2005/04/chutando-a-escada-estrategia-de-desenvolvimento-numa-perspectiva-historica-2.html>

¹⁹



Esse gráfico ajuda a entender a dimensão do deslocamento, ainda que se refira apenas aos Estados Unidos. A fase de 1946 a 1980 corresponde ao capitalismo industrial do pós-guerra, período no qual a renda dos 50% mais pobres cresceu 129%, enquanto o 1% mais rico cresceu menos da metade. É uma fase de capitalismo produtivo, distribuição com crescimento. Na fase pós 1980, a tendência se inverte, com a evolução para o capitalismo financeiro, em que a desigualdade explode, fruto do rentismo que se generaliza. (Malleon, p.54)

Joseph Stiglitz traz aqui a sua dúvida quanto à legitimidade de se chamar isso de capitalismo. “Eu uso o termo ‘capitalismo’ apenas para significar que amplas partes da economia estarão nas mãos de empresas orientadas pelo lucro; mas o que eu chamo de capitalismo progressista envolve não só um conjunto de instituições, mas também um papel importante para a ação coletiva.”²⁰ A partir de quantas mudanças das instituições estamos falando de outro sistema? E Stiglitz é muito claro quanto à sua rejeição do sistema: “Temos tido atualmente 40 anos do experimento neoliberal que começou sob Reagan e Thatcher. As suas promessas cor de rosa de crescimento mais rápido e níveis

²⁰ Joseph Stiglitz – *The Road to Freedom: economics and the good society* – W.W. Norton & Company, 2024, p. 18

de vida mais elevados que seriam amplamente compartilhados não se verificaram. O crescimento se tornou mais lento, as oportunidades diminuíram, e os frutos de quanto crescimento houve foram esmagadoramente para as pessoas no topo. Os resultados foram talvez os piores nos Estados Unidos, onde a grande dependência dos mercados e onde a liberalização financeira foi levada ao extremo.” (Stiglitz, p.32)

A fratura social se torna cada vez mais explosiva, em particular porque cada vez mais pessoas no planeta se tornam conscientes do absurdo. Nas regiões mais pobres da África, onde trabalhei sete anos, há um sentimento de revolta crescente por não se poder ter acesso a uma escola decente para os filhos, uma clínica para doenças na família. Mas para pessoas mais instruídas, a indignação surge quando se constata como as grandes fortunas são adquiridas e ampliadas.

2 - As novas formas de apropriação do excedente social: rentismo

Uma coisa é a apropriação do excedente pelos grupos mais ricos da sociedade, com uma desigualdade que nos fratura em termos econômicos, políticas e sociais, e gera imenso sofrimento na base da sociedade. Outra coisa é constatar que se trata de rentismo improdutivo, de dreno das riquezas sociais, e não mais de ‘acumulação de capital produtivo’ tão analisado, e que os rentistas modernos tentam utilizar como prova de sua própria legitimidade. Quando se rompe um mínimo de proporcionalidade entre o quanto as pessoas contribuem produtivamente, e o quanto enriquecem, o sistema se desloca: não é mais acumulação de capital, é rentismo improdutivo.²¹

Brett Christophers, no seu *Rentier Capitalism* que foca em particular as dinâmicas do Reino Unido, mas com visão global, agrupa as formas improdutivas de acumulação de riqueza (*the main varieties of rentierism*) em sete fontes principais:²²

- Financeiro: gerando renda sobre juros, dividendos e ganhos de capital
- Reservas de recursos naturais: apropriação das reservas e sua venda
- Propriedade intelectual: gerando rentismo sobre patentes, royalties, marcas
- Plataformas digitais: comissões, marketing
- Contratos de serviços: gerando taxas de serviços terceirizados
- Infraestrutura: privatização de empresas estatais, licenças governamentais
- Solo: aquisição de terras, privatização de terras públicas, gerando renda de solo (*ground rent*)

Segundo o autor, isso “resume como os rentistas do setor privado passam a controlar os ativos (*assets*), e os tipos de renda que tal controle lhes permite ganhar em cada

²¹ Em francês a diferença entre *revenu*, a renda por exemplo do meu trabalho, e *rente*, rendimentos sem base produtiva, é clara. Em inglês, a diferença existe entre *income* e *rent*, com os mesmos sentidos. O *The Economist*, quando quer explicitar, diferencia *productive investment* e *speculative investment*. Em português são poucos os que diferenciam *investimento* e *aplicação financeira*, os especuladores preferem se chamar de ‘investidores’. Entre personagens de Machado de Assis, há pessoas que não trabalham, “vivem de rendas”. O conceito de “aristocracia financeira” é bem adequado: tecnologias modernas servindo parasitismo de outros tempos. Thomas Piketty, no seu *O Capital no Século XXI*, traz excelentes exemplos da aristocracia financeira francesa.

²² Brett Christophers – *Rentier Capitalism* – Vero, London, 2020 – p. xxxi -

<https://dowbor.org/2023/09/rentier-capitalism-who-owns-the-economy-and-who-pays-for-it.html>

caso.”(Christophers, p.xxx) O livro detalha como cada um dos mecanismos permite a apropriação de riqueza pelos rentistas. No conjunto, é essencial lembrar que essas diversas formas de rentismo são acessíveis apenas à própria minoria que com elas lucra: a massa da população, os dois terços, mal fecha o mês, e, portanto, não tem como entrar no sistema que ganha dinheiro com dinheiro, monopólios, controle de recursos naturais e cobranças sobre os mais diversos tipos de transações, lucros de intermediação, a chamada economia de pedágio. Os rentistas ganham não tanto pelos serviços que prestam, como pela obrigação de todos passarem pelas suas catracas. Muitos serviços são úteis, ou até necessários, mas geram lucros desproporcionais relativamente ao aporte, como no caso dos oligopólios da comunicação.

Isso sempre existiu, como vimos no caso dos atravessadores comerciais que exploram os pequenos agricultores, dos usurários tão bem apresentados no *Mercador de Veneza* de Shakespeare, ou ainda dos *Robber Barons* das finanças e do petróleo nos Estados Unidos no início do século passado. Mas o deslocamento da base científico-tecnológica do planeta mudou o peso e as relações de força dos diversos setores de atividade. No centro, evidentemente, está a revolução digital, que gerou avanços de produtividade nas áreas industrial e agrícola, mas que sobretudo revolucionou os processos de intermediação: onde antes “serviam” às atividades produtivas, por exemplo com crédito, hoje passam a delas se servir, e na guerra entre quem extrai mais, inclusive fragilizam a economia produtiva. O conceito de *Cannibal Capitalism*, de Nancy Fraser, é neste sentido adequado.²³

Os gigantes corporativos que hoje controlam o planeta não são donos de empresas concretas, são donos de papéis – hoje sinais magnéticos – que lhes dão direitos sobre elas. São o que se chama de *absentee owners*, proprietários ausentes. Sweezy e Magdoff já analisavam a fratura: “A diferença entre ser proprietário de ativos reais e proprietário de um pacote de direitos legais pode à primeira vista parecer pouco importante, mas isso, enfaticamente, não é o caso. Na realidade, essa é a raiz da divisão da economia em setor produtivo e setor financeiro.”²⁴ Os papéis, títulos, ações, registros de dívidas, opções de derivativos, até o dinheiro – hoje apenas um sinal magnético – são imateriais, circulam no planeta na velocidade da internet, são administrados por algoritmos, gerando um universo econômico paralelo que levou a que tantos se refiram hoje separadamente à economia real e à economia financeira no sentido amplo. A lógica principal do sistema, é que justamente ser dono de “papéis”, ou seja, de direitos sobre produtos e sobre produtores reais, é que permite a geração de fortunas em escala radicalmente diferente das que resultam da produção de bens e serviços, o que por sua vez está na origem do agravamento radical da desigualdade.

A agricultura e a indústria continuam a existir, mas a lógica do seu desenvolvimento, da sua paralisia ou deformação, obedece aos interesses dos donos dos sinais magnéticos. O dono da fábrica de sapatos podia explorar os seus trabalhadores, mas precisava comprar máquinas e matéria prima, gerar empregos, e produzir bons sapatos, o que gerava

²³ Nancy Fraser – *Cannibal Capitalism* – Verso, London, 2023

²⁴ Paul Sweezy e Harry Magdoff – *Stagnation and the Financial Explosion* – Monthly Review Press, New York, 1987, p. 101; sobre a fratura entre as atividades produtivas e a financeirização, ver em particular Marjorie Kelly, *Wealth Supremacy*, Berrett-Koehler, 2023 - <https://dowbor.org/2023/10/wealth-supremacy-how-the-extractive-economy-and-the-biased-rules-of-capitalism-drive-todays-crises.html>

conforto para os compradores, e receitas públicas para o Estado financiar infraestruturas e políticas sociais. O rentista atual é dono de “direitos” que lhe permitem drenar os produtores, os assalariados, ou qualquer pessoa que tenha um cartão de crédito no bolso ou que precise comprar um botijão de gás ou encher o tanque do carro. Com a privatização parcial da Petrobrás, em 2022 foram transferidos 217 bilhões reais para acionistas nacionais e internacionais, dividendos sobre um produto que é do solo, produzido pela natureza em milhões de anos, e cujo valor poderia ter sido reinvestido na empresa ou utilizado pelo governo para financiar o desenvolvimento na economia real.

Outro fator essencial da fratura, além dos mecanismos financeiros de exploração, é que o sistema rentista não depende de oferecer empregos para gerar renda, ou apenas marginalmente, o que mantém grande parte da população em situação de pobreza e insegurança, multiplicando relações precárias de trabalho, com a chamada “flexibilização”. Não é só a substituição do trabalhador pela tecnologia, é o fato dos gigantes da intermediação financeira não precisarem de “produto”, bastam os computadores e os algoritmos. Um terceiro fator importante, é que produtores de bens e serviços de consumo precisam que haja consumo de massa, ou seja, capacidade de compra por parte da população: isso se torna secundário para os diversos tipos de rentistas. Ou seja, o rentismo precisa apenas marginalmente da força de trabalho e da demanda popular. Gera-se um processo de marginalização, já sentido com força nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha e outros países do “Norte”, mas em particular na imensa massa dos países ditos “em desenvolvimento”. A fratura de certa forma se reforça, e cristaliza. O setor informal no Brasil representa 40 milhões de pessoas.

O conhecimento, conceito amplo que inclui as nossas transformações científicas e tecnológicas, faz parte desse deslocamento sistêmico. É impressionante a rapidez com a qual se enraizou o conceito de plataforma, onde antes falávamos de empresas, ou de corporações. Na base está a convergência de um conjunto de atividades que André Gorz qualificou de “o imaterial”. Gorz adota claramente a visão de que os deslocamentos nos processos produtivos em geral levam a uma mudança da própria ciência econômica: “A ampla admissão do conhecimento como a principal força produtiva provocou uma mudança que compromete a validade das categorias econômicas chaves e indica a necessidade de estabelecimento de uma outra economia” (Gorz, p.9).²⁵

Delinear uma economia que leve em conta a generalização da dimensão conhecimento como elemento chave dos processos produtivos aponta para duas transformações básicas. Primeiro, é que uma inovação tecnológica representa um custo na sua criação, mas a sua reprodução e disseminação, nesta era informática, pode em geral se fazer a custo zero. Ou seja, enquanto na era fabril o produtor tinha de produzir grandes quantidades para ganhar mais dinheiro, no caso da inovação, uma vez identificada

²⁵ André Gorz – *O Imaterial: conhecimento, valor e capital* – Ed. Anna Blume, 2005 - <https://dowbor.org/2005/11/o-imaterial.html> - Jayati Ghosh, 20 anos mais tarde, explicita o deslocamento da ciência econômica: “A ciência econômica precisa de mais humildade, de um senso melhor da história, e de mais diversidade. A necessidade de uma mudança drástica na disciplina da economia nunca foi tão urgente. A humanidade enfrenta crises existenciais, com desafios de saúde do planeta e do meio ambiente se tornando preocupações maiores.” - Jayati Ghosh, *Why and how Economics must Change* - IMF – Finance and development, March 2024 – <https://www.imf.org/en/Publications/fandd/issues/2024/03/Symposium-Why-and-how-economics-must-change-Jayati-Ghosh>

determinada tecnologia, o ganho é feito travando ao máximo o acesso, para gerar um efeito de monopólio. Se a tecnologia se generaliza, reduz-se o lucro. Ao patentear o “one-click” a Amazon tentou impedir milhares de empresas no mundo de desburocratizar as vendas. Com isso, tira-se das ideias a sua força maior, o fato de poderem fertilizar a criatividade dos mais variados atores sociais. A semente da Monsanto foi dotada de um gene “exterminador” para evitar que os agricultores possam reproduzi-la. Diferentemente de um produto material, um avanço imaterial é indefinidamente reproduzível. Ou seja, para a corporação, é preciso travar o acesso. Gorz ainda: “Sempre se trata de contornar temporariamente, quando possível, a lei do mercado. Sempre se trata de transformar a abundância “ameaçadora” em uma nova forma de escassez” (Gorz, p.11). A economia do conhecimento, que resulta da revolução digital, obedece a uma lógica diferente. A Elsevier ganha bilhões tornando o acesso à ciência mais difícil.²⁶

Segundo, as formas tradicionais de remuneração do trabalho se veem ultrapassadas, notadamente na visão tradicional de oito horas de trabalho “alugadas” para o que a empresa necessita. A criatividade não se faz “por horas”. Há gente que pode ficar sentada semanas em um ambiente de trabalho e não trazer ideia alguma. Como se remunera a criatividade? O trabalhador, neste nível, se torna um tipo de empresário de si mesmo, negociando o seu produto. “A ideia do tempo como padrão do valor não funciona mais.” E se o tempo de trabalho não é mais o padrão de valor, como se determina o preço de venda do produto? Gorz passa naturalmente a analisar a função da marca, da publicidade, dos valores simbólicos como base da nova formação do valor, delineando assim gradualmente a mudança sistêmica que enfrentamos. Ao ser criticada pelo valor exorbitante cobrado por um medicamento de produção barata, a empresa responde que devemos pensar não no custo do produto, mas no valor da vida que salva. A teoria do valor, base da ciência econômica, se desloca.

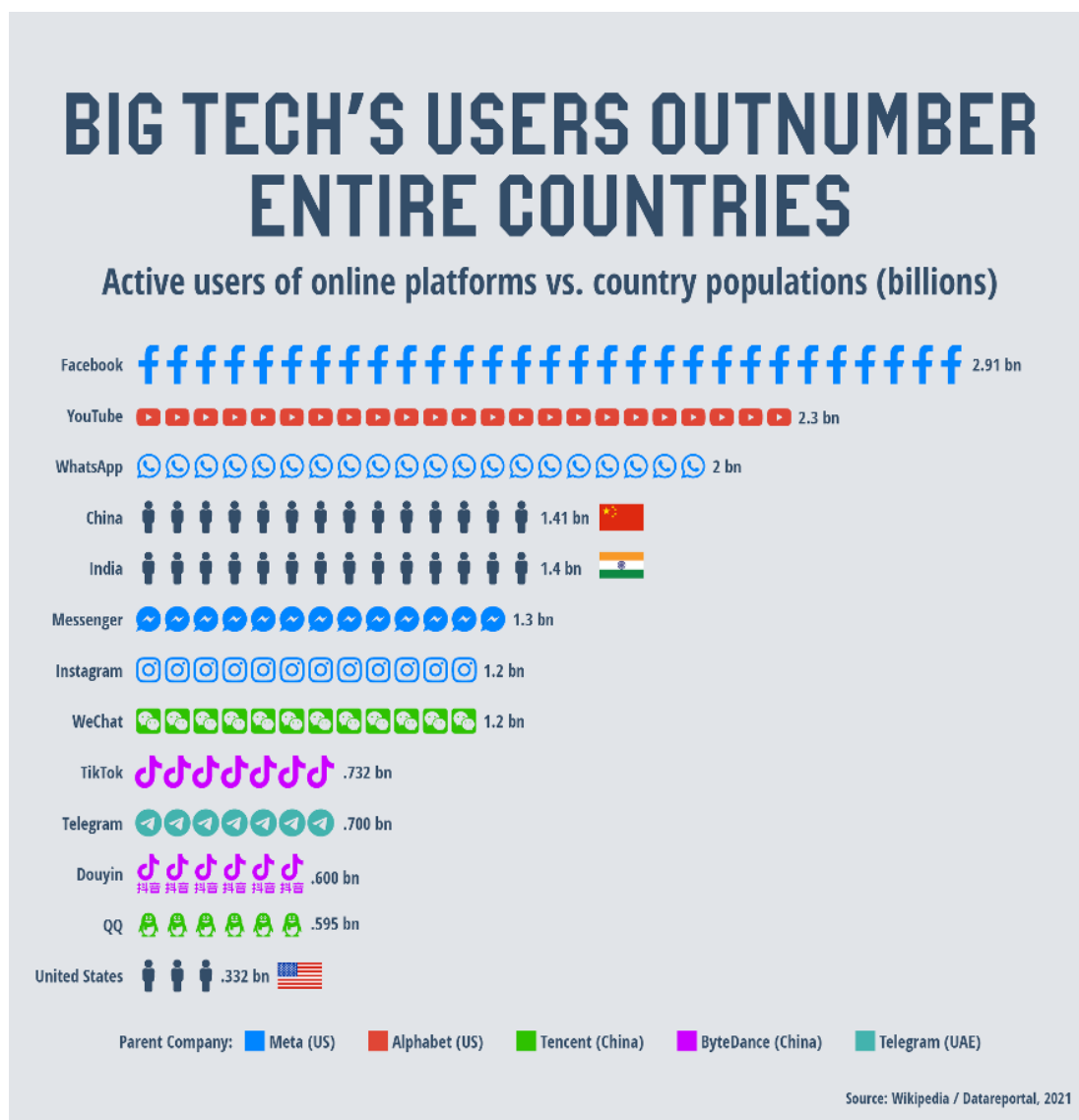
“Se não for uma metáfora, a expressão ‘economia do conhecimento’ significa transtornos importantes para o sistema econômico. Ela indica que o conhecimento se tornou a principal força produtiva, e que, conseqüentemente, os produtos da atividade social não são mais, principalmente, produtos do trabalho cristalizado, mas sim do conhecimento cristalizado. Indica também que o valor de troca das mercadorias, sejam ou não materiais, não mais é determinado em última análise pela quantidade de trabalho social geral que elas contêm, mas, principalmente, pelo seu conteúdo de conhecimentos, informações, de inteligência gerais. É esta última, e não mais o trabalho social abstrato mensurável segundo um único padrão, que se torna a principal substância social comum a todas as mercadorias. É ela que se torna a principal fonte de valor e de lucro, e assim, segundo vários autores, a principal forma do trabalho e do capital”(Gorz, p.29)²⁷

O que os mundos do dinheiro, do conhecimento e da comunicação hoje têm em comum, é que são, precisamente, imateriais, ou ‘intangíveis’, como encontramos em outros autores. Ou seja, circulam na internet na velocidade da luz, sob forma de sinais magnéticos, e no espaço planetário, sem que haja a antiga ‘territorialidade’, local de produção, da fábrica ou da fazenda, de residência dos trabalhadores, dos espaços de

²⁶ A consulta do nome Elsevier, no site <https://dowbor.org>, abre uma série de artigos sobre o tema.

²⁷ Gorz, Op. Cit. Voltaremos ao tema na terceira parte do presente estudo.

socialização. O fenômeno se manifesta de forma particularmente ampla nas áreas hoje imbricadas de comunicação e de informação, como vemos nos gráficos abaixo:²⁸



Vemos aqui o peso da plataforma Facebook (Meta), que atinge praticamente 3 bilhões de usuários (chegando a quase 4 em 2024). Youtube, da Alphabet (Google) atinge 2,3 bilhões, WhatsApp (Meta também) 2 bilhões, ultrapassando populações como a da China ou da Índia. O gigantismo está ligado à característica técnica básica, de que sinais magnéticos circulam no planeta de forma quase instantânea, são um aporte gratuito da natureza (as ondas eletromagnéticas), mas a dominação do mais forte se torna rapidamente planetária. Resultam os chamados ‘monopólios de demanda’: temos de usar o que os outros usam, porque sem isso não comunicamos, além do fato de

²⁸ TNI – Transnational Institute – Big Tech: the rise of GAFAAMT - <https://www.tni.org/en/big-tech-the-rise-of-gafaamt> (Acesso 9 de abril de 2023) – Ver também <https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/estudo-especial-a-captura-da-tecnologia/>

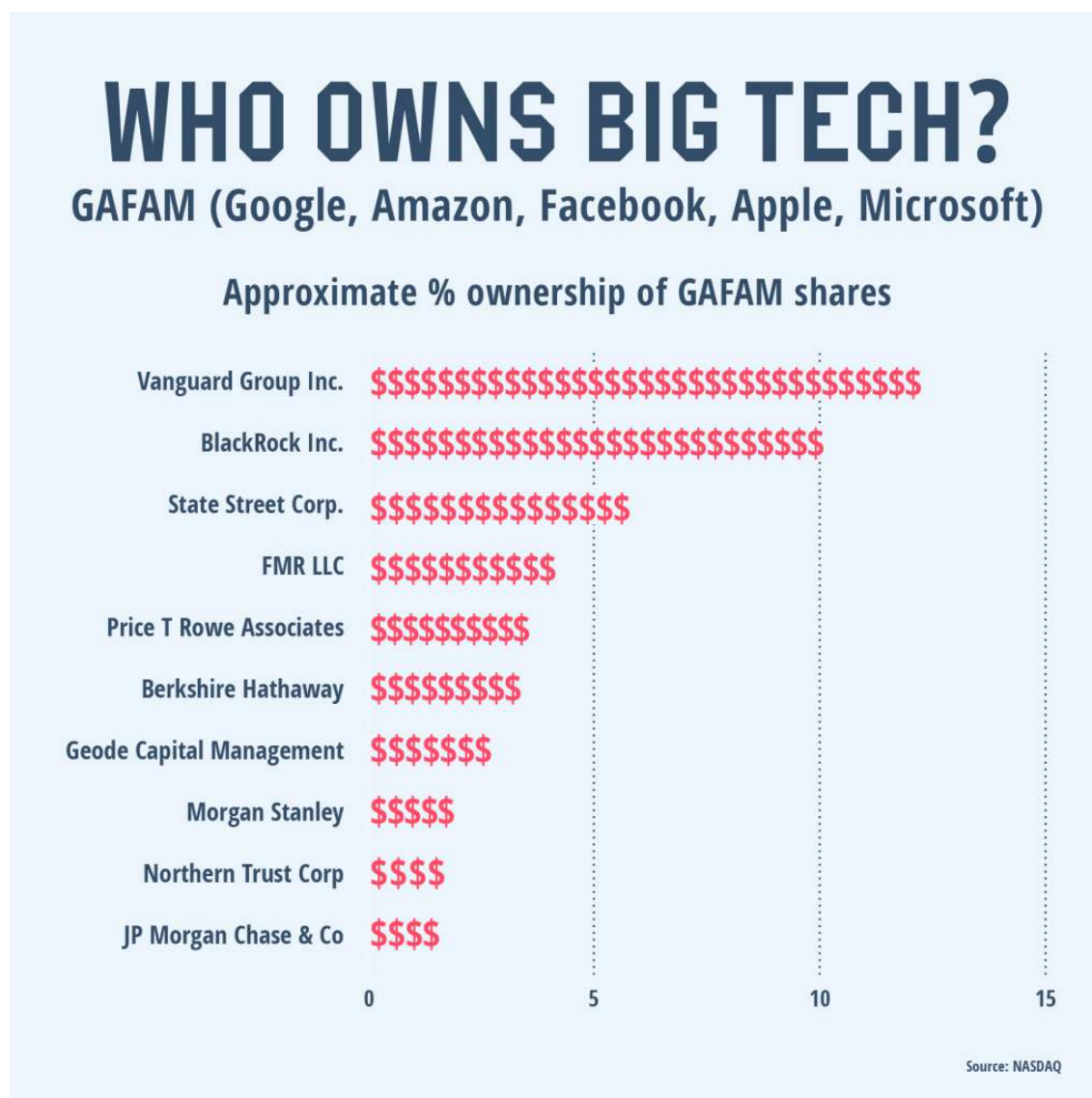
comprarem qualquer concorrente que tente abrir espaço. Têm alcance planetário, e são extremamente concentrados:



O grau de oligopolização das atividades fica evidente, e aqui também se trata do imaterial, de sinais magnéticos, navegação de comunicação e informação em que os volumes, na era dos computadores modernos, deixam de ser um problema. A indústria da comunicação e da informação torna-se dominante, gerando inclusive a tão estudada batalha pelo tempo de atenção das pessoas, com o crescente caos de informações reais, fake-news, marketing comportamental e sistemas de vigilância baseadas na invasão das comunicações pessoais. A dominância norte-americana é avassaladora.

Mais impressionante ainda é a gradual osmose dos subsistemas da economia imaterial, de sinais magnéticos, quer representem dinheiro, conhecimento, informação ou comunicações, tendo todos em comum, neste eixo principal para onde se orienta a economia e a apropriação de valor, o fato de banharem o planeta, de atingirem qualquer

peessoa, e de serem controlados por um número restrito de megacorporações. Interessante neste sentido que a Amazon trabalhe com acesso de informações a terceiros, além da intermediação comercial, enquanto por sua vez a própria Amazon, mas também Google, Facebook, Apple, Microsoft são em parte controladas pelos três maiores gigantes financeiros, BlackRock, Vanguard e State Street. Forma-se assim um universo de controle multisetorial, de impacto planetário.



E não é secundário que também sejam predominantemente norte-americanos, e conectados com a NSA e outros sistemas de informação política e militar, gerando a guerra contra a Huawei, a Tiktok e outras corporações chinesas: os ‘mercados’ se tornaram mais políticos, a política se torna ainda mais ferramenta das corporações. Gerald Epstein insiste nesta dimensão: “Os Estados Unidos se tornaram um dos países mais “financeirizados” do planeta e essa dominação financeira reforça a dominação do papel internacional do dólar. É importante o fato que a causalidade também se inverte: ter o

dólar como moeda internacional chave também reforça o papel, os lucros e o poder das finanças dos Estados Unidos no mundo...O predomínio das finanças e do aventureirismo militar americano que são ajudados pelo dólar é doentio para o mundo.”²⁹ São desequilíbrios geopolíticos estruturais.

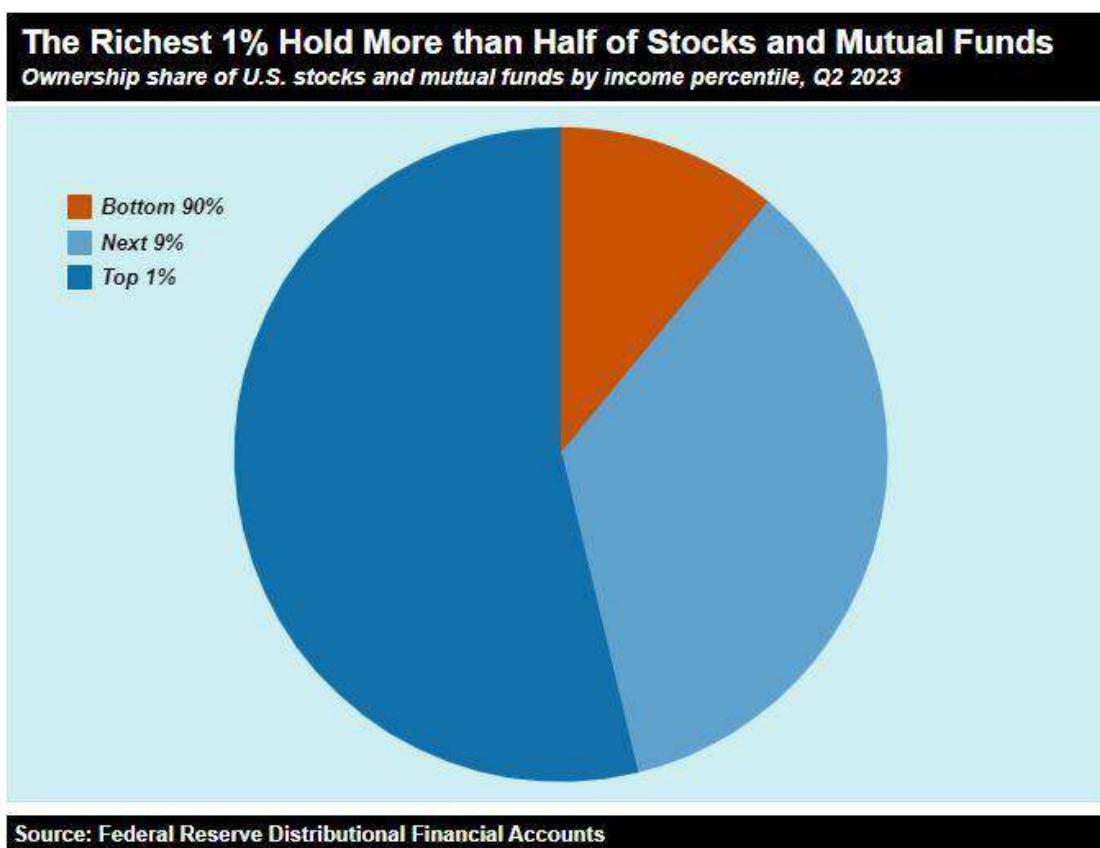
Em outros termos, ao rentismo que drena os recursos para os acionistas no topo da pirâmide financeira mundial, temos de acrescentar o controle algorítmico das pessoas, e a submissão do universo produtivo à lógica do *shareholder*; um universo extremamente concentrado, e cada vez menos do *stakeholder*. Trata-se da forma de apropriação do excedente e dos controles políticos correspondentes. O rentismo se transforma em modo de produção. Não substitui as empresas tradicionais, sejam industriais, agrícolas ou de diversos tipos de serviços, ou ainda planos de saúde ou universidades, ou mesmo comportamentos individuais, mas as submete à sua lógica. Não constitui apenas um dreno de recursos e a formação de uma poderosa elite rentista global: altera em profundidade como nos organizamos como sociedade.

Igualmente importante é o impacto ambiental que essas empresas geram, e cujos custos recaem sobre todos nós. As corporações tratam esses custos como “externalidades”, ou seja, se desresponsabilizam. Podemos usar o exemplo dos plásticos, com cinco empresas que desempenham um papel central, entre as quais Nestlé, Philip Morris International, Altria, Coca-Cola, PepsiCo. “Apesar de muitas dessas empresas terem tomado medidas voluntárias para melhorar o seu impacto de poluição de plástico, os peritos deste estudo consideram que não funcionam. A produção de plástico dobrou desde o início de 2000 e os estudos mostram que apenas 9% do plástico é reciclado.”³⁰ Os imensos custos de poluição e contaminação são repassados para nós, as empresas ficam com o lucro líquido. Quem entra num supermercado não tem opção. Isso se aplica a tantos setores. As corporações não conhecem o desastre que estão gerando? Sugerem que os consumidores são os responsáveis. Quem carrega as externalidades somos nós. Os dividendos mandam.

Como as pessoas em geral não se dão conta a que ponto os drenos financeiros concentram a renda e a riqueza, colocamos aqui um gráfico que mostra a quem o sistema financeirizado, extraindo recursos por meio de ações e títulos diversos, aproveita: quem são efetivamente os *shareholders*:

²⁹ Gerald Epstein - Entrevista com J. Polychroniou, Truthout, 17 de julho de 2023 - https://truthout.org/articles/is-the-us-dollar-on-the-verge-of-being-dethroned-as-the-worlds-currency/?utm_source=Truthout&utm_campaign=eaacc233d2-EMAIL_CAMPAIGN_3_20_2023_13_41_COPY_05&utm_medium=email&utm_term=0_bbb541a1db-eaacc233d2-650285113&mc_cid=eaacc233d2&mc_eid=b8bdd0e8eb - Gerald Epstein é um dos melhores analistas das fraturas financeiras atuais, ver em particular *Busting the Bankers' Club: finance for the rest of us* – University of California Press, Oakland, 2024 - <https://dowbor.org/2024/02/busting-the-bankers-club-finance-for-the-rest-of-us.html>

³⁰ The Guardian, April 24, 2024 – *Survey finds that 60 firms are responsible for half of the world's plastic pollution* - <https://www.theguardian.com/environment/2024/apr/24/survey-finds-that-60-firms-are-responsible-for-half-of-worlds-plastic-pollution>



Fonte:

<https://public.tableau.com/app/profile/ips.inequality/viz/StocksFundsbyIncome-Oct2023/Dashboard1>

O exemplo é dos Estados Unidos, mas é representativo. Mais escuro, o 1% dos mais ricos detém o grosso das aplicações, os 9% seguintes, a classe média-alta, mais de 30%, e o que está nas mãos dos 90%, a imensa maioria, é pouquíssimo. Trata-se de um mecanismo de apropriação de riqueza muito mais concentrador do que a exploração salarial. O rentismo se sobrepõe à extração de mais-valia por baixos salários, aprofundando de maneira radical a desigualdade, mas também gerando as catástrofes ambientais que constatamos. Os algoritmos são programados para maximizar o retorno financeiro. Quem faz aplicações mais modestas pouca informação tem sobre os impactos sociais e ambientais das suas opções. Os 9% aqui mencionados constituem uma *buffer-class*, uma classe-média alta que dá aparências de legitimidade ao sistema, de que não se trata apenas de grandes fortunas. Nos 9%, estão ainda os gerenciadores técnicos do novo sistema, também bem remunerados. Quanto aos 90%, eventuais pequenos aplicadores, acharão um escândalo a Petrobrás (ou equivalentes americanos) moderar os dividendos privados, com pouca compreensão do que está em jogo, o que gera uma base de apoio político de baixo custo.

Henry Ford produzia carros, que eram úteis, e dizia que bons salários eram necessários para os consumidores comprarem os produtos. Explorava, mas gerava empregos, carros, e impostos para o Estado poder assegurar infraestruturas (e estradas), bem como políticas sociais. O presente sistema é estruturalmente diferente. Eles não precisam que você tenha mais dinheiro para comprar ações. Eles mesmos compram. E você vai pagar nos preços. Mas se chamam de “investidores”.

3 - A manipulação capilarizada: os eixos de mudança

Constatamos a extrema concentração no topo, e a osmose dos diversos subsistemas que têm em comum o fato de manejarem apenas sinais magnéticos, massa virtual em que banha o planeta. Mas também é preciso insistir no fato dos algoritmos e da inteligência artificial permitirem uma capilaridade que atinge cada indivíduo no mundo. Para a capacidade moderna de computação, 8 bilhões de pessoas não representam uma massa incalculável, tornam-se indivíduos isoláveis, fontes de informação, e clientes, quer queiram quer não. O sistema Serasa permite que o gerente da sua conta no banco tenha informações detalhadas sobre a sua situação financeira, e o seu custo de crédito será ajustado segundo os interesses do banco. E foi legalizado.³¹

A faxineira que me presta serviços uma vez por semana, contratou um plano privado de saúde, NotreDame, que tem entre os seus acionistas a BlackRock: uma parte do salário de uma pessoa modesta da periferia de São Paulo é transferida em frações de segundos, pelos algoritmos, para acionistas nos Estados Unidos e outros países. Ao tomar um Uber na minha cidade, pago ao motorista, mas automaticamente boa parte do que pago vai para acionistas internacionais, preço exorbitante pago para pertencer a uma rede que permite estar conectado. Ao pagar uma compra com cartão, na modalidade crédito, cerca de 5% do valor da minha compra vai para intermediários financeiros, Visa ou outro. Se procuro algo no computador, não consigo me mexer se não estiver o tempo todo autorizando alguma rede a instalar cookies, entrando no sistema global de dreno de informações pessoais. Gerou-se assim um sistema de micro-drenagem de recursos e de informações pessoais de bilhões de pessoas de qualquer parte do mundo, inclusive dos mais pobres. Somos uma unidade no sistema planetário de comunicação e informação. Presos nesta teia de aranha, pagamos a cada passo, tanto em custos como em tempo da nossa atenção, gerando inclusive o cansaço do que tem sido chamado de sobrecarga sensorial.

³¹ Ver Juliana Oms (Org.) – *O consumidor na era da pontuação de crédito* – IDEC, Belo Horizonte, 2022